

## Meio Século de Silêncio<sup>1</sup>

Iasminny THÁBATA<sup>2</sup>

Isabella CORRÊA<sup>3</sup>

Kelsiane NUNES<sup>4</sup>

Laila LEITE<sup>5</sup>

Solano NASCIMENTO<sup>6</sup>

Universidade de Brasília, Brasília, DF

### RESUMO

A publicação nº 394 do jornal-laboratório *Campus* apresenta uma série de matérias a respeito do Massacre de Ipatinga (MG), ocorrido em 1963, durante um conflito entre operários da indústria siderúrgica Usiminas e policiais militares. A edição especial avulsa *Meio Século de Silêncio*, do primeiro semestre de 2013, serviu como trabalho de conclusão da Turma A da disciplina *Campus 2 - Impresso* do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). O impresso propôs resgatar e questionar a história que resultou na morte de oito pessoas (versão oficial) e em diversas pessoas feridas na cidade mineira. Fato que, mesmo após mais de 50 anos, ainda está aberto na memória dos moradores. Além dos impactos para a região, o evento colaborou para aquecer o termômetro de tensões do período pré-golpe militar, em 1964.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ipatinga; Jornal laboratório; Massacre; Usiminas.

### 1 INTRODUÇÃO

O silêncio pode se perpetuar durante anos e mesmo décadas diante de questões consideradas tabus, do medo ou da falta de consciência sobre a importância da informação. Quando o assunto tem relevância social, cabe ao jornalista criar estratégias para torná-lo público, repercuti-lo e semeá-lo à reflexão.

No dia 7 de outubro de 1963, em Ipatinga (MG), oito pessoas – dados oficiais – morreram em frente à indústria siderúrgica Usiminas. As mortes foram resultado de um confronto entre operários da usina e a Polícia Militar. Desde o evento até os dias atuais, muitas respostas ficaram pela metade e o silêncio se perpetua pela cidade por mais de meio século. A população, ainda receosa, evita tocar no assunto. Filhos e netos de quem vivenciou o ataque não sabem o que realmente aconteceu, porque os fatos não são claramente abordados nas escolas e as famílias não conversam sobre o passado da cidade.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório impresso (avulso)

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: [iasminnytcruz@gmail.com](mailto:iasminnytcruz@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: [isabellancorrea@gmail.com](mailto:isabellancorrea@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: [kelnunes.s@gmail.com](mailto:kelnunes.s@gmail.com)

<sup>5</sup> Recém-graduada do Curso de Comunicação Social, email: [lailataleite@gmail.com](mailto:lailataleite@gmail.com)

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: [solano.nascimento@uol.com.br](mailto:solano.nascimento@uol.com.br)

O “Massacre de Ipatinga” aconteceu em um ano em que o país estava mergulhado em crise, acompanhando a tendência mundial. No início da década de 1960, o mundo trazia tensões herdadas de conflitos anteriores. Pela primeira vez prosperou, em uma área de influência americana, uma sociedade comunista, em 1959. A Revolução Cubana criou receio de que outros países desenvolvessem a ideologia em seus regimes.

A crise em Berlim (1961), a Crise dos Mísseis (1962), a Guerra do Vietnã (1961-1963), a morte do presidente americano John Kennedy (1963) e outros eventos, alimentados sob o palco da Guerra Fria, mantiveram os embates ideológicos aquecidos e geraram fortes reflexos na América Latina (TULER, 2007) e, conseqüentemente, no Brasil.

No início da década de 1960, o país estava cercado pelas tensões do pré-golpe já desenvolvidas pela crise de mandatos anteriores. Em 1961, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, o país passou por mais uma tentativa de golpe. O então vice-presidente João Goulart se tornou presidente após ser levado a aceitar o regime parlamentarista. Tanto Jânio quanto João Goulart desagradavam os militares e boa parte da sociedade por demonstrações públicas de apoio à esquerda e ideais comunistas.

Pelas experiências ao redor do mundo, um Brasil comunista não era o ideal pensado pela ala conservadora da sociedade. Em 1963, João Goulart voltou a presidir em regime presidencialista e a crise política se intensificou.

A historiadora Marilene Tuler (2007) vê importância na análise da conjuntura da época para explorar os desdobramentos do Massacre de Ipatinga. Ela cita o editorial do Jornal O Globo de 5 de outubro daquele ano, dois dias antes dos assassinatos, para reforçar que o contexto do período influenciava os fatos ocorridos na cidade mineira:

[...] inflação incontida, radicalização das posições políticas, ameaças aos militares em seus próprios alicerces, questão social agravada a cada dia, ocorrência de greves que servem de pretexto para a conspiração política e existência de grupos inconformados que pregam a violência e a subversão da ordem como forma de solucionar os problemas das classes trabalhadoras. (*O Globo*, 1963, *apud* TULER, 2007, p. 78-79)

Ao mesmo tempo, no que diz respeito à área trabalhista, o Brasil ainda caminhava para criar medidas que assegurassem melhores condições aos trabalhadores. Essa construção, à época, era recente. Apenas na transição do Império para a República, no final do século 19, começaram a surgir os primeiros projetos de defesa da classe, quando o trabalhador passou a ser visto como principal elemento da sociedade (PRIORE; VENANCIO, 2010).

Apesar disso, até 1920, os resultados das lutas sindicais brasileiras foram pequenos. “A incipiente legislação trabalhista da época restringia-se, por sua vez, a indenizações por acidentes e à restrição ao trabalho feminino ou infantil; leis tímidas e alvos de reformas retrógradas”. (PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 232). Em 1963, a insatisfação no setor ainda era alta. O número de greves chegou a 302, praticamente o dobro em relação ao ano anterior, que contabilizou 154 (GASPARI, 2002).

Muitos dos relatos sobre o evento que ocorreu em Ipatinga afirmam que naquele dia os trabalhadores reivindicavam por melhores condições de trabalho. A classe operária na região era grande, pois a cidade nasceu industrial e foi a partir da instalação da siderúrgica Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas) que o local se urbanizou. O surgimento da indústria foi pensado no Plano de Metas do ex-presidente Juscelino Kubtschek, como parte dos objetivos de desenvolver a industrialização no país (TULER, 2007).

Diante dos 50 anos do Massacre de Ipatinga, a equipe de alunos do 1º semestre de 2013 do curso de Comunicação Social foi até Minas Gerais para buscar entender as motivações, os desdobramentos e as consequências do fato que marcou a cidade.

## **2 OBJETIVOS**

### **Objetivos Gerais**

Na produção deste trabalho, o objetivo foi o de recuperar e aprofundar o conhecimento dos fatos que ocorreram em Ipatinga em outubro de 1963, para compreender melhor de que forma e por quais razões eles aconteceram. Por meio da apuração, a ideia foi gerar novos questionamentos, entender o impacto do massacre para Ipatinga e para os moradores locais, além de verificar a influência do episódio para o contexto da época e os desdobramentos dele 50 anos depois.

### **Objetivos Específicos**

A busca da reconstrução do evento, por meio de pesquisa bibliográfica e de relatos de pessoas envolvidas. Para isso, procurou-se aplicar as etapas da construção da notícia – investigação, redação, fotografia, edição, revisão, diagramação – com atenção especial à apuração dos fatos e à experimentação, ao utilizar gêneros como a crônica para apresentação dos fatos.

### 3 JUSTIFICATIVA

A ideia de produzir uma edição diferenciada do jornal-laboratório *Campus* se justifica, primeiramente, pela proposta do professor da disciplina, Solano Nascimento, de produzir um caderno especial sobre um assunto relevante que completaria data importante em 2013 – ano em que a matéria foi ministrada às alunas.

A escolha do tema se deu pela relevância do evento para a época, pela atualidade do mistério – ainda presente sobre os assassinatos, e pela data ter completado 50 anos no período da realização da reportagem.

Nos prelúdios da Ditadura Militar, um conflito entre policiais e trabalhadores em Minas Gerais – região onde o golpe de 1964 foi desencadeado – revela a tensão que o país vivia no ano de 1963. O mistério em torno das mortes e das motivações para o que se chama hoje de “Massacre de Ipatinga” ainda gera discussões entre pesquisadores locais, moradores e familiares de vítimas.

Para entender a história e, ao mesmo tempo, o Brasil atual, não se pode apenas revisitar os principais conflitos políticos e econômicos que ascendiam os debates da época. Igualmente importante, é analisar as tensões sociais e os problemas trabalhistas que a sociedade brasileira encarava diante das possibilidades de desenvolvimento e de progresso.

Após quase 51 anos desde os assassinatos, ainda há questões pouco esclarecidas sobre o tema. Devido o conflito entre operários e policiais, a equipe de reportagem também viu necessidade de intensificar os debates acerca dos problemas vividos por trabalhadores operários. Não por acaso, Ipatinga está entre as dez cidades brasileiras escolhidas pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça para receber o “Monumento à Resistência e à Luta dos Trabalhadores”.

O papel do jornalismo, além de informar cidadãos sobre fatos essenciais do dia a dia, é aprofundar debates necessários para o entendimento e para o aprimoramento de uma sociedade já que tem condições de “impulsionar o homem e a sociedade à ação” e “sintetiza e traduz a substância da vida social, influenciando-lhe os rumos” (BELTRÃO, 1960, p. 87).

O Jornal-laboratório *Campus* da Universidade de Brasília (UnB) tem mantido, há quase 44 anos, a tradição de abordar temas importantes para a história do país. Cobriu as consequências da Ditadura Militar para a Universidade, os desdobramentos das *Diretas Já*, entre outros temas. Resgatar a história de acontecimentos importantes para a reflexão da sociedade tem sido uma preocupação constante dos estudantes que passam pela redação do jornal laboratório. Explorar assuntos relevantes para a sociedade também faz parte do

aprendizado dos estudantes de comunicação, que devem, entre outras coisas, compreender a dinâmica de apuração e produção por meio de oportunidades de cobertura que envolvam problemas reais:

A experiência pedagógica vivida por alunos e professores no laboratório do jornal *Campus*, é focada no conceito de Demo de “gestação da autonomia”, fruto da relação permanente entre o saber pensar e o saber aprender, que torna possível ao ser humano construir a própria história política. Mais do que reprodução do conhecimento, obtida na recriação do trabalho em uma organização jornalística, no *Campus* prevalece a reconstrução deste conhecimento, num processo de inovador e crítico. (JORGE, de Mendonça, Thais; MARQUES, Márcia, 2006, p. 13)

Além disso, a importância do tema proposto foi analisada tomando como base três valores-notícias descritos por Wolf (2003). O primeiro é o *impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional*, que é entendido pelo autor como sendo os acontecimentos que podem influenciar na conjectura política/social/econômica do país. A equipe de jornalismo do jornal-laboratório entendeu que o dito Massacre de Ipatinga fez parte de acontecimentos que compuseram a conjectura do período de tensão pré- golpe militar de 1964.

Por ter sido um fato que gerou traumas em parte da população de Ipatinga e por ter causado modificações no relacionamento entre operários e a direção da Usiminas, o grupo identificou o valor notícia de *relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação*. Entendendo que para Wolf (2003), este critério está relacionado ao que um fato pode gerar como consequência.

Por fim, a turma entendeu que o valor da *quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve* está próximo do fato. Como Wolf (2003) entende que quanto maior o número de pessoas mais o fato ganha notoriedade, a história do Massacre de Ipatinga possui este valor noticioso, pois não só marcou a vida dos operários que trabalhavam quando tudo aconteceu, como impactou a cidade, que até hoje evita tratar do assunto.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Segundo Kovach e Rosenstiel (2004), o jornalismo tem por essência a verificação dos fatos e informações. Diante disso, os principais métodos utilizados pela equipe foram extensa pesquisa bibliográfica por meio de livros e documentos sobre o evento; visita à cidade de Ipatinga para realizar entrevistas com sobreviventes, historiadores e fontes oficiais envolvidas no caso.

Com a escolha de ir à cidade onde aconteceu o conflito, foi necessário dividir a equipe de reportagem em dois grupos. Uma parte da equipe foi à Minas Gerais colher informações diretamente com as pessoas envolvidas e a outra deu suporte à produção na redação, tentando resolver burocracias para conseguir informações com fontes oficiais, além de buscar dados complementares às que eram conseguidas pela equipe que trabalhava *in loco*. A escolha da divisão do grupo teve por objetivo aperfeiçoar os recursos financeiros e o tempo, já que as estudantes tiveram apenas quatro dias para conseguir todas as informações na cidade mineira.

Durante o período de apuração em Ipatinga, as estudantes fizeram entrevista com historiadores, policiais reformados envolvidos, operários aposentados que estavam presentes no dia do conflito, familiares de pessoas envolvidas e funcionários da prefeitura que colaboram na investigação da Comissão da Verdade, além de moradores da cidade que não estavam relacionados com o massacre. As repórteres entraram em contato com as assessorias de comunicação da Usiminas e da Polícia Militar para que fossem recebidas e recebessem explicações, mas as instituições não retornaram aos contatos.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A edição especial nº 394 (Ano 43) do jornal laboratório *Campus* da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) leva o título *Meio século de silêncio* para contar a história dos 50 anos do massacre acontecido na cidade de Ipatinga (MG) nos prelúdios do Golpe Militar, em 1963. A edição foi a última a ser produzida pelos alunos da turma A da disciplina *Campus 2*, ministrada pelo professor Solano Nascimento, no primeiro semestre de 2013.

Na edição, a equipe fez a distribuição e divisão das reportagens ao longo do jornal com o objetivo de interligar as histórias presentes em cada texto. Com isso, podem-se ler os textos separadamente sem haver descontinuidade, porém quando lidas na ordem que a edição propõe, o leitor ganha em qualidade de detalhes e contextualização dos eventos.

A escolha da capa – em tinta preta, fontes brancas e imagem de um dos assassinados no contexto – foi pensada para chamar a atenção do leitor desde o primeiro momento. Nas páginas internas, a diagramação auxiliou o ritmo do texto, ajudando a dar leveza ao tema forte. O trabalho de produção jornalística reuniu, ainda, imagens históricas, fotografias de sobreviventes, documentos oficiais e ilustrações.

Ao todo, o produto final do trabalho é composto por oito páginas com quatro reportagens que interligam a história, uma crônica, uma linha do tempo, um box com resgate de documentos oficiais, carta do editor, memória e carta do *ombudsman*.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A reportagem sobre o Massacre de Ipatinga proporcionou à equipe de reportagem a oportunidade de colocar em prática as teoria aprendidas sobre a ação jornalística, com todas as dificuldades da apuração de um fato que marcou negativamente a história de uma cidade. Lidar com o temor e o incômodo dos entrevistados ao falar sobre o evento e a falta de cooperação das entidades oficiais foram, sem dúvida, os maiores desafios. O que ajudou a entender melhor as dificuldades da rotina do jornalista.

Em texto que fala sobre a reportagem, o jornalista Marcos Faerman (1998) exclama que o espírito de aventura é um dos alimentos que nutre a alma do repórter e complementa afirmando que o jornalismo também tem por vocação reconstruir, documentar e recuperar informações perdidas. A vontade de contar uma boa história e a ousadia de querer contribuir para a reconstrução e documentação deste conflito foram alavancas que impulsionaram a equipe até Minas Gerais. Os relatos passados pelos sobreviventes através de bocas, mãos, olhos e silêncio trouxeram a certeza da importância de abordar o episódio. Como consequência, a conclusão da edição deu à turma a sensação de trabalho cumprido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

FAERMAN, Marcos. **A longa aventura da reportagem**. In: DANTAS, Audálio (org). *Repórteres*. São Paulo, Senac São Paulo, 1998.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JORGE, de M. T; MARQUES, M. **A arte de negociar a notícia**: a experiência de 35 anos do jornal-laboratório Campus da UnB. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29., 2006. Brasília. *Anais...* Brasília, 2006. p. 13. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1863-2.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1863-2.pdf)>. Acesso em: 10 mar 2014.

KOVACH, Bill ; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. Tradução de Wladir Dupont. 2ª edição. – São Paulo: Geração Editorial, 2004.

Prefeitura de Ipatinga. **Anistia homenageia trabalhadores de Ipatinga**. Disponível em: <[www.ipatinga.mg.gov.br/mat\\_vis.aspx?cd=10304](http://www.ipatinga.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=10304)>. Acesso em: 11 mar 2014.

PRIORE, M. D; VENANCIO, R. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2010.

TULER, M. **O Massacre de Ipatinga**: mitos e verdades. Belo Horizonte: O Lutador, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**/ Mauro Wolf: tradução Karina Jannini. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

## ANEXO

### **Jornal laboratório Campus - Edição especial nº 394, Ano 43** *Meio Século de Silêncio - Massacre de Ipatinga*

**EDITORA CHEFE** | Iasminny Thábata

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO** | Celina Guerra

**EDITORES** | André Vaz, Felipe Matheus Bernardino e Lucas Vidigal

**REPORTÉRES** | Camila Rodrigues, Elis Tanajura, Iasminny Thábata, Isabella Corrêa, Kelsiane Nunes, Laila Leite e Lorena Soares

**DIRETOR DE IMAGENS** | Paulo Figueiredo Júnior

**FOTÓGRAFAS** | Camila Rodrigues, Iasminny Thábata e Kelsiane Nunes

**DIAGRAMADORES** | Ezequiel Trancoso, Irina Adão, Ivan Sasha, João Paulo Neves Cabral e Vanessa Arcoverde

**PROJETO GRÁFICO** | Celina Guerra, Ivan Sasha, Lorena Soares, Rafaela Lima, Ramilla Rodrigues e Vanessa Arcoverde

**PROFESSORES RESPONSÁVEIS** | Sérgio de Sá e Solano Nascimento

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** | José Luiz Silva

**GRÁFICA** | Palavra Comunicação

**TIRAGEM** | 4 mil exemplares

**NÚMERO DE PÁGINAS** | Oito páginas

**FORMATO** | Tablóide

*Campus Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC Ala Norte. Contato: (61) 3107-498/6501. CEP:70.910-900. E-mail: campus@unb.br*